REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: **CAETANO ALBERTO DA SILVA** — Composto e impresso na Typ. do **ANNUARIO COMMERCIAL**, Praça dos Restauradores, 27

XXX Volume — 30 de Novembro de 1907 — N.º 1041

Um casamento Franco-Espanhol na côrte de Inglaterra

O PRINCIPE CARLOS DE BOURBON E A PRINCESA LUISA DE ORLEANS, SAHINDO DA CAPELA DE WOOD-NORTON, DEPOIS DA CEREMONIA RELIGIOSA

(Fotographia Chusseau-Flaviens)

O Rei Affonso XIII — O Imperador Guilherme — A Rainha Alexandra — O Rei Eduardo VII
A Rainha Maud — A Imperatriz Augusta — A Rainha D. Amelia — A Rainha Victoria de Espanha

UMA REUNIÃO DE SOBERANOS DA EUROPA NO CASTÉLO DE WINDSOR

(De Fotographia)

Chronica Occidental

Se, como grande numero, senão a maior parte dos nossos collegas, tivessemos o sestro da politica, excellente occasião teriamos agora para descançarmos. Em vez de puxarmos pelo estro afim de encher as duas columnas da obrigação, gosariamos na cama esta manhã fria e chuvosa do final de novembro. As columnas ficariam em branco, e cada leitor, em sua casa, as completaria como entendesse, sobre as novas applicações da lei de imprensa. A familia leria a bella prosa, quando viessem tempos melhores.

A suspensão de grande numero de jornaes e o receio com que n'outros se escreve, não moderou o andamento das linguas que, por todos os cantos de Lisboa, falam muito mais do que d'antes. Lei das compensações.

Nunca a politica andou tão activa como agora. A attitude dos partidos, depois de effectuadas as annunciadas reuniões, excita a curiosidade. Reunir-se-hão os progressistas em casa do sr. José Luciano, no dia 8 de dezembro, o dos dissidentes no centro do largo das Duas Egrejas, o dos regeneradores em local ainda não designado, por não caberem na sala do centro da rua do Norte todos aquelles, antigos ministros, pares do reino, deputados e governadores civis, a quem foram dirigidos convites.

Boatos, e muitos, já correm sobre decisões que serão tomadas pelo bloco liberal. Entretanto os jornaes do governo continuam mostrando-se dispostos para a campanha e não falam por emquanto em convocação de côrtes. Quer isto dizer que teremos para muito tempo a politica como assumpto principal... infelizmente.

Se dos jornalistas portuguezes andam muitos á boa vida e outros se vêem atrapalhados para, sem grande perigo, dar uma volta á frase, em compensação os jornaes estrangeiros teem n'estes ultimos tempos falado muito mais de Portugal do que lhes mereceu interessantes assumptos, como, por exemplo, as recentes victorias d'Africa. O *Temps*, continua publicando as entrevistas que o seu redactor obteve dos principaes personagens da nossa politica, e outros muitos e dos principaes da Europa, como a *Independencia Belga*, occupam-se largamente, e como lhes faz conta, da nossa gente e das nossas coisas. Portugal está na berra e até já foi discutido nas camaras hespanholas a neutralidade da Hespanha, qualquer que seja o rumo que a politica venha a tomar.

O partido republicano vae crescendo. Falámos já da entrada para aquelle partido do sr. conselheiro Augusto José da Cunha. Seguiu-lhe o exemplo o sr. Anselmo Braamcamp, erudito investigador e que muito tem honrado o nome illustre que herdou. Filiou-se tambem no mesmo partido o sr. Faustino de Sá Nogueira, proprietario em Santarem, onde é estimadissimo.

A agitação cresce. Não obstante, é de esperar que brevemente vejamos todos os contrarios reunidos para um mesmo fim patriotico e consolador. E' um dever de todos concorrerem para que sejam aqui condignamente recebidas as tropas que no Cuamato briosamente, mais uma vez, levantaram o prestigio de Portugal.

Haverá um *Te-Deum* nos Jeronymos ou em S. Domingos; na Sociedade de Geographia haverá sessão solemne em honra do capitão Roçadas e outra ainda para distribuição de recompensas. Os vencedores do Cuamato serão acompanhados desde o Arsenal até aos quarteis por todos os officiaes montados da guarnição de Lisboa.

Mas é preciso que a festa não seja apenas dos elementos officiaes. Deve ser nacional, se ainda nos corações reside um pequenino amor pela nossa terra e o enthusiasmo sufficiente para nos alegrarmos com as suas alegrias.

De tristezas andamos nós fartos, e não foi sem uma certa impressão de dôr e de melancholia, que lêmos nos jornaes a despedida dirigida ao clero e aos seus diocesanos pelo sr. cardeal D. José Netto, ex-patriarcha de Lisboa. Deus pudesse ouvil-o quando a todos nós deseja saude, paz e bençãos em Jesus Christo, Nosso Senhor.

Foi eleito vigario capitular o sr. arcebispo de Mytilene.

E não acabaremos aqui com noticias de tristeza. O tempo vai para isso, frio, escuro e doentio. Depois d'uns dias radiantes, de verdadeiro verão de S. Martinho, cá temos, outra vez, comnosco a chuva o vento desabrido, as ruas cheias de lama e as bronchites á espreita.

Dizem os que mais d'isso entendem, e das manchas do sol e das estatisticas, que entramos no triste e aborrecedor periodo dos invernos chuvosos. O Tejo, que já por duas vezes encheu, talvez ainda antes de chegar dezembro, nos dê uma terceira cheia. Tanto ainda os lavradores, ha pouco, se lamentavam de que não tinham pasto para o gado e alguns até que nem uma pinga d'agua tinham para lhes dar a beber!

DR. BETTENCOURT PITTA

De tristezas continuamos portanto a falar e cabe agora a vez a uma lembrança para o dr. Bettencourt Pitta que no dia 26 d'este mez foi por numerosos amigos acompanhado até á sepultura. Professor da Escola Medica de Lisboa durante quarenta e oito annos, clinico distinctissimo, alegre e espirituoso, era um dos vultos mais conhecidos de Lisboa. Falou á beira do tumulo, elogiando as qualidades do fallecido collega, em nome da Escola, o sr. dr. Silva Amado.

E a chuva continua cahindo e todo o ceu está toldado. Durante a comprida noite, sem uma estrella que espreitasse a trazer-nos uma esperança, as cordas de chuva bateram na vidraça e as biqueiras não se calaram. As ultimas folhas vão cahindo e, dentro em pouco, os espectros das arvores voltarão para o ceu os longos braços despidos. As ruas de Lisboa, lamacentas e solitarias inspiram tristeza. A' hora da sahida das repartições e escriptorios esbarram uns nos outros os chapeus de chuva, os americanos passam atulhados, depois o silencio cai sobre a cidade e ouve se ao longe a barra a gemer.

Talvez a vinda da Réjane alegre á noite uns bocados. Os theatros dos ricos não soffrem como os outros quando o ceu lhes faz partida. Carruagens e automoveis conchegados esperam á porta as senhoras elegantes, que passam embrulhadas em sedas e rendas.

As recitas da companhia estrangeira no theatro D. Amelia são sempre das mais frequentadas e dos melhores espectaculos de boa arte que nos sejam dados em Lisboa. Da grande artista franceza, que nos vem agora visitar não ha elogio a fazer, sem que tenha de repetir-se o que mil vezes foi dito. Tem um nome universal. No repertorio traz-nos peças que nos são desconhecidas; mais razão para a concorrencia.

O mau tempo prejudicará os theatros de publico mais pobre, que, entretanto, teem este anno andado com certa sorte. Uma nova revista no theatro da Trindade e com esta já são não sei quantas nos theatros de Lisboa — parece que a bafejou a mesma aragem boa que, ha muito, sustenta as irmãs a caminho de centenares de representações.

Eduardo Brazão adoeceu e cortou a serie de representações do *Judas*, no theatro de D. Maria. A nova obra de Augusto de Lacerda não perderá com isso, porque as primeiras representações e um domingo com a casa á cunha já lhe asseguraram o grande e merecido exito.

No theatro D. Amelia realisou-se uma d'estas noites, com escolhidissima frequencia, mais um concerto da Grande Orchestra Portugueza, de cem executantes. E' seu director Michel Angelo Lambertini, o fundador da Sociedade de musica de camara e do jornal a *Arte Musical*; a elle se deve a fundação do cofre de subsidios aos musicos portuguezes pobres e inhabilitados. Mais um titulo para a gratidão dos collegas e nossa quiz obtel-o agora e conseguiu o brilhantemente.

El-rei assistiu a parte do concerto.

Valha nos em tanta tristeza um bocadinho de boa arte.

João da Camara.

TEU RISO

A Olavo Bilac

Um riso como o teu, assim tão crystalino
Assim tão bello e puro, assim meigo e formoso,
Que tenha mais doçura e seja mais mimoso,
Que seja tão travesso e seja tão divino;

Um riso como o teu, assim tão dulçuroso
Assim singelo e terno, assim celeste e fino,
Que tenha tanta vida e seja magestoso,
Assim tão languoroso, assim tão purpurino;

Um riso buliçoso, assim tão fascinante,
Assim tão gracioso, assim tão captivante,
Tão vivo, tão ingenuo, e forte, e seductor:

Um riso deste modo, eu penso francamente
Procurar ser loucura pois que o teu somente,
Possue todo este encanto e todo este primor!

Fortaleza — Ceará — Brazil.

Mario Rodrigues.

Um casamento Franco-Espanhol na côrte de Inglaterra

Um casamento principesco se realisou na côrte de Inglaterra, qual foi o da Princesa Luisa de Orleans com o Principe Carlos de Bourbon, e que levou á côrte inglêsa os soberanos de Espanha, e membros da familia Orleans, em que se conta a Rainha Senhora D. Amelia, irman da noiva.

A Princesa Luisa Francisca de Orleans, filha dos Duques de Montpensier, nasceu em Cannes, a 24 de fevereiro de 1882. E' de rara formosura, como em Lisboa se poude apreciar, quando aqui veiu ha dois annos visitar a Rainha Senhora D. Amelia. O Principe Carlos de Bourbon-Duas Sicilias, é filho dos Condes de Caserte e nasceu em Gries, proximo de Botzen, a 10 de novembro de 1870. Foi casado com a princesa de Asturias, de quem inviuvou ha pouco mais de um anno, e é general de brigada do exercito espanhol.

O casamento teve logar em Wood-Norton, 170 kilometros distante de Londres, na residencia dos Duques de Orleans, que para esse fim mandaram construir no parque uma capéla, estilo romano, onde se celebrou com grande pompa a ceremonia religiosa, no dia 15 do corrente.

O casamento civil foi ás 8 horas da manhã na egreja catolica de Evesham e a elle assistiram, como testemunhas, por parte da noiva os Duques de Orleans e de Guise, por parte do noivo o Rei de Espanha e o Duque da Calabria.

Ao meio dia, celebrou-se a ceremonia religiosa na capéla de Wood-Norton, a qual revestiu o maior esplendor, observando-se com todo o rigorismo o ceremonial da antiga côrte de Versailles dos reis de França.

A capéla, toda decorada a branco e ouro, ostentava as armas da Casa de França a ouro e azul. No altar viam se vasos de ouro macisso contendo lindas flôres que davam a nota alegre da festa.

A' hora que o cortejo nupcial entrou na capéla, estava esta cheia de convidados, que apresentaram suas homenagens ao Duque de Orleans, Rei de Espanha, ás princesas e principes que ali se reuniram. O orgão fazia ouvir uma marcha nupcial.

Precedido de dois gentis homens de honor, o Duque de Luynes e M. de Fouscolomb, vem o Duque de Orleans conduzindo pelo braço a Princesa Luisa, toucada com uma grande mantilha espanhola e de que dois outros gentis homens segurram a cauda. Segue-se o Principe Carlos, conduzido por sua mãe a Condessa de Caserte. Depois vem o cortejo pela seguinte ordem: Conde de Caserte com a Rainha de Espanha; o Rei Afonso XIII e a Condessa de Paris; o Duque de Montpensier e a Rainha de Portugal; o Duque de Calabria e a Duquesa de Orleans; o Duque de Chartres e a Infanta Isabel de Espanha; o Gran-Duque Vladimir e a Princesa Joanna George de Saxe; o Principe João George de Saxe e a Duquesa de Aosta; o Duque de Guise e a Gran-Duquesa Vladimir; o Principe Czartoryski fecha o cortejo dando o braço á Duquesa de Vendôme.

São riquissimas as *toiletes* principiando pela da noiva, que vestia de setim branco bordado a seda froixa e veu de ponto de Inglaterra, ramo de flôres de laranjeira naturaes e sem outras joias alem do annel nupcial. A Rainha Senhora D. Amelia,

vestia de veludo azul com aplicações de tule e bordado a prata, corpete coberto de rendas de Alençon, chapeu de veludo azul, ornado de pennas de marabu, colar de safiras. A Duquesa de Orleans vestia de seda azul palido com aplicações de veludo e rendas de Alençon, chapeu de tule com plumas brancas.

Nas *toiletes* das mais princesas observava-se a mesma riqueza e bom gosto.

Deu a benção matrimonial aos noivos o Bispo de Birmingham e celebrou a missa o rev. Armaillacq, amigo intimo da familia Bourbon-Duas-Sicilias, o qual dirigiu aos nubentes a alocução do estilo.

Este casamento, não obstante ser realisado em familia, sem aparatos oficiaes, revestio, como se disse, grande opulencia, e constituio uma festa notavel na côrte de Inglaterra, para o que tambem concorreu a coincidencia da visita do Imperador Guilherme ao Rei Eduardo VII.

Do casamento da Princeza Luisa e da visita do Imperador Guilherme, ficou uma recordação, no grupo em que os soberanos e principes alí reunidos se fotografaram e que o OCCIDENTE reproduz em uma das suas gravuras da primeira pagina.

Mgr. Conego Carlos Alberto Martins do Rego

Muita vez se tem dito que a natureza cria homens e não padres, pelo que se aquilata a raridade de encontrar almas dispostas á pratica das virtudes exigidas ao sacerdote, que pelo exemplo tem de se impôr á veneração e respeito dos homens.

Eis por que o verdadeiro sacerdote é o que nasce já com a alma iluminada pelos fulgores da Fé, abrasado o coração no santo amor da Caridade que tanto soccorre quando vale á miseria ou perdôa as faltas do proximo.

Deve ser assim o sacerdote e com esta feliz vocação nasceu Mgr. Carlos Rego, que desde sua infancia o conhecemos, em que logo revelou inclinação para as cousas de Deus por sua natural mansidão, fervor religioso e caridade, a par de um espirito lucido, sensato e justo, como um predestiando para a alta missão que tinha a cumprir.

Nasceu em Lisboa e na freguesia de Santos-o-Velho, a 22 de setembro de 1865, Carlos Alberto Martins do Rego, filho do sr. Antonio José do Rego e de D. Maria José de Barros e Silva do Rego.

Conhecemol-o ainda estudante no seminario de Santarem e, apesar dos poucos annos, sua gravidade e compostura acompanhavam-no na aplicação ao estudo com a exáta compreensão dos seus deveres, sem deixar de ser afavel, sincero e bom, reunindo um conjunto de qualidades credoras de simpatia.

Tão bem soube aproveitar o estudo e tão irrepreensivelmente se condusio, que aos 24 annos de edade, a 4 de agosto de 1889 recebia das mãos do Em.mo Cardeal Patriarca de Lisboa D. José III as Sagradas Ordens de Presbitero.

Sua exemplar conduta lhe valeu o ser logo convidado por Sua Eminencia para seu capelão particular, ao mesmo tempo que o nomeava ajudante do secretario da Camara e Curia Patriarcal, cargo que desempenhou com tanto zelo e competencia que, vagando o logar de secretario pela nomeação de Monsenhor Daniel Ferreira de Mattos para conego da Sé Metropolitana de Lisboa, foi apresentado por S. M. El-Rei D. Carlos naquelle logar, por decreto de 25 de setembro de 1890 e Carta Regia de 29 de novembro, tomando posse a 11 de dezembro do mesmo anno.

Inexcediveis provas de zelo e de inteligencia deu Mgr. Carlos Rego no desempenho desta dificil comissão, sendo incansavel na nova organisação que deu ao arquivo do registo paroquial e da Camara Patriarcal, levando-o seu espirito investigador e criterioso a pesquisar importantes docomentos que coordenou, entre estes os respeitantes a D. Nuno Alvares Pereira, da maior valia para o processo da sua beatificação.

Se a par disto considerarmos qual a multiplicidade de processos, alguns complicadissimos, que correm pela camara eclesiastica, para a solução e regular expediente dos quaes, não basta, muitas vezes só conhecer a letra das leis, mas recorrer ainda ao bom criterio, lucidez e justa equidade de quem tem que despachar, teremos de reconhecer a maior competencia em Mgr. Carlos Rego, que durante quartose annos desempenhou esta ardua comissão, deixando boa memoria de si.

No desempenho d'este trabalhoso cargo ainda encontrou tempo e dispôs de atividade para aceitar a capelania da Real Capéla de Nossa Senhora da Saude e de S. Sebastião para que foi nomeado em 27 de novembro de 1896, cargo que tem desempenhado com a maior dedicação e zelo.

Por alvará de 19 de novembro de 1897, foi agraciado por S. M. El-Rei D. Carlos, com o fôro de capelão fidalgo de sua real casa.

Sua Santidade Leão XIII distinguiu-o, em 1899, nomeando-o seu camarista de honra, competindo-lhe por isso o titulo de Monsenhor.

Por breve Pontificio de 4 de fevereiro de 1903 elevou-o o mesmo soberano Pontifice de saudosa memoria, a seu Prelado Domestico, e concedeu-lhe as honras de Proto Notario Apostolico *ad instar participantium*.

Estas distinções, no seio da Egreja, falam mais alto que tudo quanto aqui dissessemos para exaltar quem com tanta justiça as mereceu.

MGR. CARLOS ALBERTO MARTINS DO REGO

Não é preciso bordar frases para fazer este ligeiro bosquêjo biografico, de Mgr. Carlos Rego; os factos vão enchendo sua vida e falando de seus merecimentos.

E' em atenção aos serviços prestados á Egreja e ao Estado, como secretario da Camara e Curia Patriarcal que, por decreto de 2 de maio de 1904 e Carta Regia de 11 do mesmo mes, foi apresentado Conego da Sé Patriarcal de Lisboa, sendo louvado pelo muito zelo, prudencia, fidelidade e intelligencia com que sempre desempenhou aquelle logar.

Em junho deste anno foi chamado por Sua Eminencia o Rev.mo Cardeal Patriarca, D. José III, para seu secretario particular, nomeando o em seguida Desembargador da Relação e Curia Patriarcal e Chanceler do Patriarcado.

Mgr. Carlos Rego tem exercido tambem sua áção no meio social e assim o Circulo Catolico da Imaculada Conceição, uma das mais numerosas agremiações operarias de Lisboa, elegeu-o seu presidente.

O jornal *A Associação Operaria*, orgão da «Associação de Soccorros Mutuos a Democracia Cristan», em seu n.º 130 de 3 de setembro de 1907, exprime-se deste modo referindo-se a Mgr. Carlos Rego:

«A Providencia, que nunca desampara as obras que tendem a glorificar a Deus, christianisando o povo, collocou á frente do Circulo Catholico um homem de grande actividade e saber, um sacerdote exemplarissimo e de rasgada iniciativa, que com o seu talento e boa vontade, animado d'um zelo admiravel, o tem dirigido.»

Importantes são os serviços prestados por Mgr. Carlos Rego ás associações: Propaganda da Fé, Propagadora das Publicações Catolicas e Democracia Cristan.

Como meio de instrução tem o Circulo Catolico promovido excursões de operarios a visitar os monumentos nacionaes, e nellas os tem acompanhado Mgr. Carlos Rego á Sé de Lisboa, ao Convento da Madre de Deus, ao mosteiro dos Jeronimos e outros, explicando e ilucidando historica, artistica e moralmente os associados.

No Circulo Catolico, sob a influencia de Mgr. Carlos Rego, teem-se realisado conferencias, pelo Padre Camilo Ferrão sobre a regeneração do Operario, pelo Padre Alfredo Mergulhão sobre os perigos do alcoolismo, pelo Padre Fernandes de Castro sobre as vantagens da previdencia e mutualismo, etc., o que tudo é de grande proveito para a instrução e educação das classes operarias.

Vê-se por isto até onde chega a átividade e zelo de Mgr. Carlos Rego, no desempenho da sua missão de sacerdote, do seu tempo, acompanhando as evoluções da ciencia, mas pugnando pela fé dos dogmas, alimentando as crenças, que não são incompativeis com o progresso, e antes quanto mais crente mais forte para as lutas da vida.

Um simples caso que ora nos recorda entre tantos que poderiamos citar, e que em tempo lêmos no n.º 8:860 do *Seculo*, vem dizer do esclarecido espirito e do bondoso coração de Mgr. Carlos Rego.

No cemiterio do Alto de S. João ia resvalar para a vala comum o cadaver de um grande bohemio, que era tambem um grande artista e matematico; era o celebre Militão, que a miseria levara a morrer num catre do hospital. Quatro amigos ou admiradores do seu talento o acompanharam e se quotisaram para lhe dar sepultura mais condigna. Foi nesta ocasião que casualmente apareceu Mgr. Carlos Rego, e sabendo do que se tratava, logo se ofereceu caritativamente a resar na capéla do cemiterio a encomendação do corpo e o acompanhou até á cova.

Eis o sacerdote na sua alta missão.

C. A.

As novas viaturas para o Exercito

Para constituir um bom exercito não bastam bons soldados e bons commandantes, boas armas e munições; ha uma coisa importante que acompanha os exercitos e sem a qual elles mal se poderão mobilisar e entrar em ação, sob pena de agravar irremediavelmente os perigos que correm. São os serviços de transportes e de saude, tão indispensaveis como os armamentos.

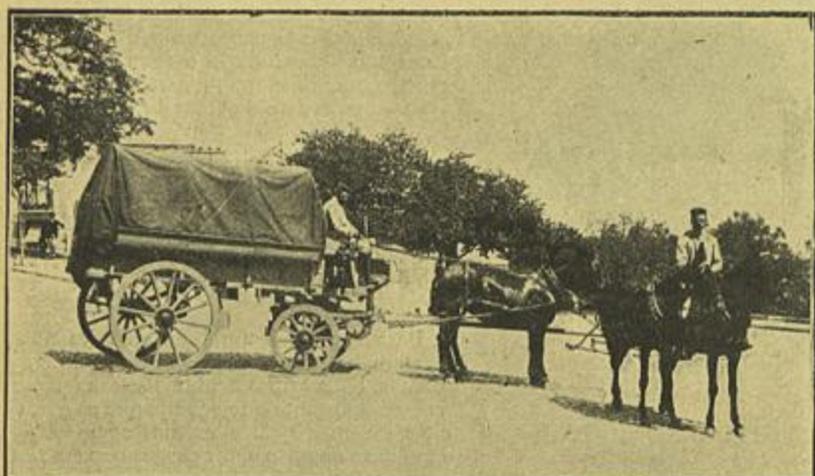
Facilmente isto é comprehensivel até aos mais profanos em coisas militares, pois não se mobilisão milhares ou centenas de homens, sem se prover aos meios de sua alimentação, de conduzir suas bagagens e, no caso sujeito, sem se transportarem armamentos e munições sobrecelentes, ferramentas para desbravar caminhos, lançar pontes, abrir trincheiras ou levantar reductos, e por que esses homens estão tão sujeitos a doenças como a ferimentos e desastres, visto que vão jogar a vida nos azares da guerra, precisa acompanhal os os socorros medicos e cirurgicos ou seja o que se chama serviço de Saude.

Foi no verão do anno passado que o atual sr. ministro da guerra, querendo mobilisar a 4.ª divisão militar, viu que não havia as viaturas necessarias e em estado de servirem para acompanhar essa divisão, mas simplesmente alguns velhos carros incapazes de prestarem serviço util e seguro em qualquer campanha.

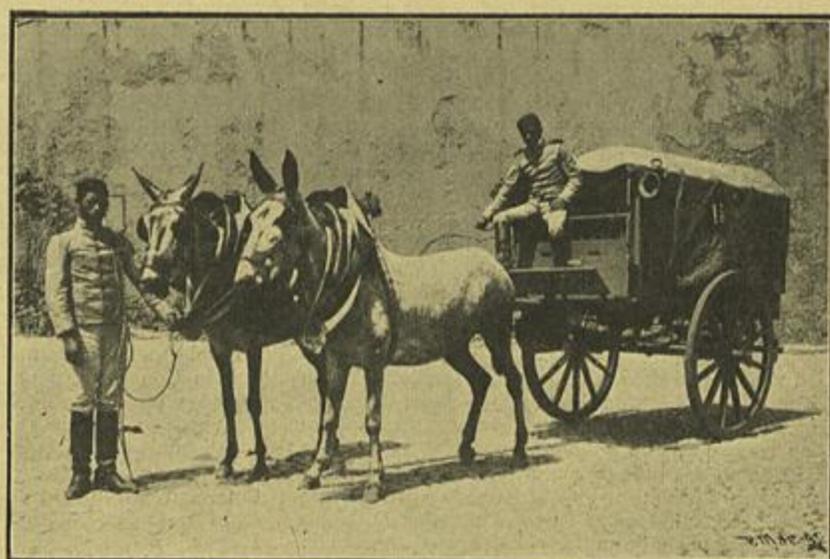
Este precario estado fez pôr de parte a ideia de mobilisar qualquer fracção do exercito, sem primeiro o dotar com o que precisava para aquelle fim, e o sr. ministro da guerra tratou logo de nomear uma commissão encarregada de estudar o assunto, a qual ficou assim composta: srs. tenente-coronel Zuzarte Caldeira, presidente e diretor da Fabrica de Armas, capitães Portocarrero, Pereira Bastos, Cesar Guimarães, Teixeira de Vasconcellos e Adolfo Mineiro, agregando ainda os srs. tenente-coronel Ferreira, de cavalaria, e major Vasconcellos Dias, da Administração Militar.

Para completar esta commissão, na parte que di-

As novas viaturas para o Exercito

S. M. El-Rei D. Carlos e S. A. o Principe Real, visitando o quartel de Artilharia n.º 1 para examinarem as novas viaturas para o Exercito

Carro de bagagens e viveres para a infantaria

Carro para transporte de pão

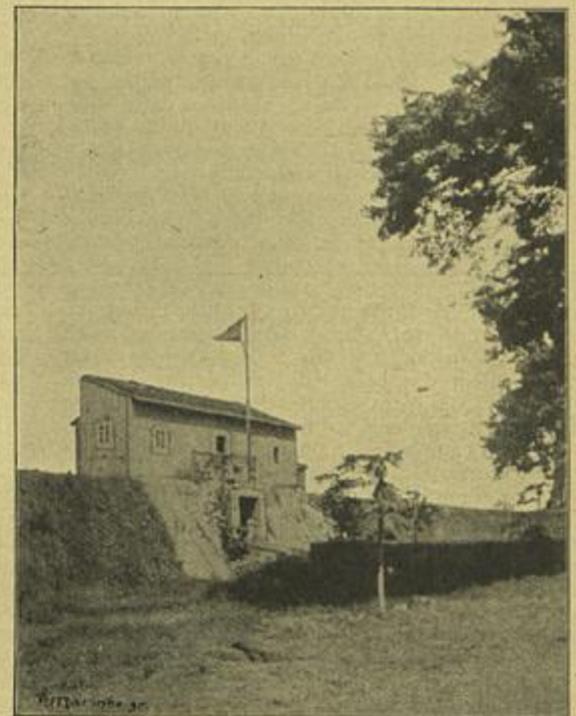
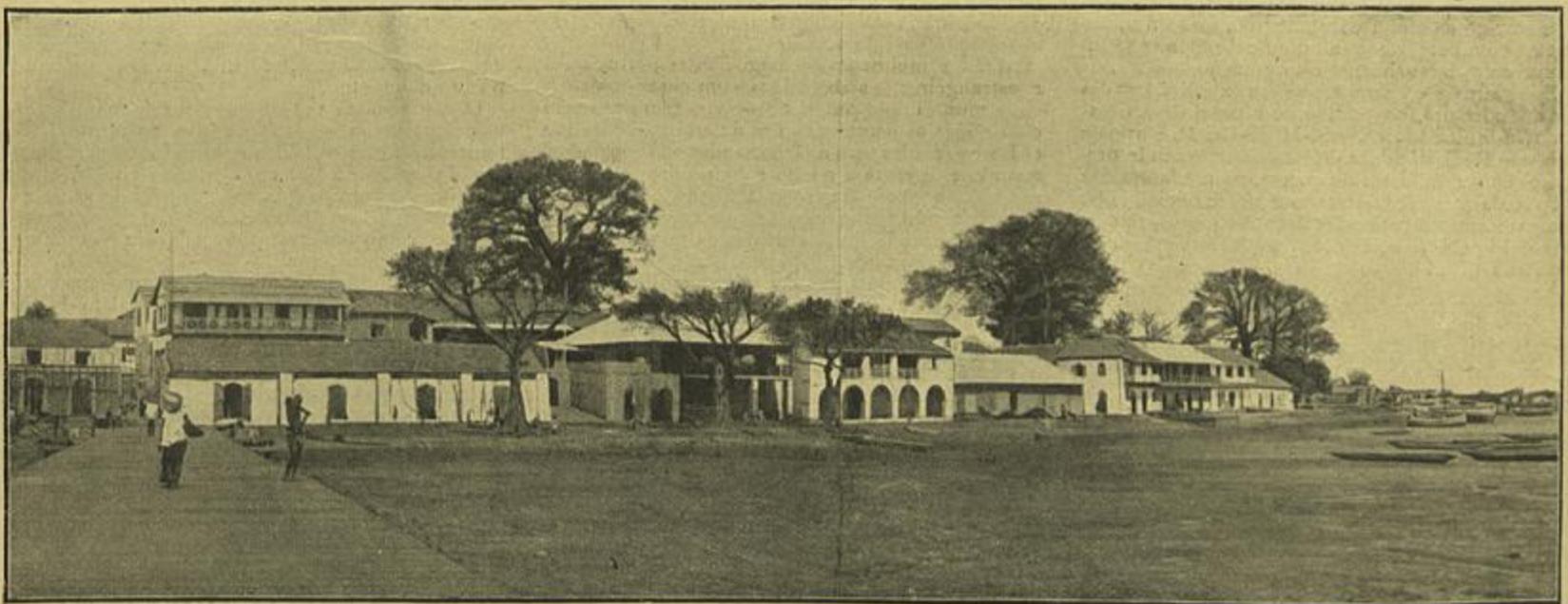
Carro de ferramentas de esquadrão

Carro de Companhia com parelha á Alemtejana

(Clichés Benoliel)

A Rebelião na Guiné Portuguêsa

Vista do porto e ponte caes de Bissau

Na Ponte da Alfandega de Bissau

Rua da Praia, ou de Agostinho Coelho, em Bissau

Fortaleza de Bissau
Casa da Residencia do Governador

Uma vista de Bissau
(De Fotografias)

zia respeito aos serviços de saude, foram nomeados os srs. dr. Barbosa Leão, tenente-coronel medico e dirétor do Hospital Militar, capitães medicos Costa Miranda, Carlos Lopes, Justino e Carvalho e tenente Julio Dantas.

Felizmente esta comissão não descurou o fim para que fôra nomeada e, a despeito de todas as dificuldades com que teve de se haver para se desempenhar da ardua tarefa, a breve trecho conseguiu apresentar modelos para as novas viaturas, alguns dos quaes inteiramente novos e mais em harmonia com as necessidades da guerra, reconhecidas nas modernas e grandes campanhas que lá fóra se tem ferido.

Apesar de no Arsenal do Exercito e nos depositos de guerra, não haverem nenhuns modelos aproveitaveis, tudo se fez sob a boa direção dos trabalhos da comissão e com o dedicado concurso e aptidão dos operarios.

Assim se fizeram carros por modelo original, do sr. major Vasconcellos Dias para a matança e condução de rezes até 500 kilos de carne.

Viaturas de companhia e de esquadrão, constando de carros para munições de infanteria, construidos de ferro, com 4 rodas e 2 jogos separaveis, transportando cada um 10 cunhetes com 650 cartuchos cada. Carros para ferramentas, construidos tambem de ferro, com 2 jogos separados. Carros de companhia, de 2 rodas, com taipaes para bagagens, viveres e forragens. Carros de correio, podendo transportar até 300 kilos de peso. Carros para transporte de dinheiro, com logar para dois empregados da pagadoria. Carros de material de columna e de pesagem, medidas, etc.

Como dissemos, muitos destes carros podem-se considerar privativos do exercito português, por sua originalidade, sendo um d'elles o carro sanitario, como lá fóra não ha nenhuma destas viaturas tão completa para o fim a que se destina.

Partindo do principio enunciado pelo medico francês mr. Dawoy, que aquelle genero de viaturas deverá chegar até onde fôr a infanteria, e se colocarem na linha de fogo, se tanto fôr preciso, construiu-se o carro com 2 jogos separados, que se desligam e seguem independentes a todos os pontos onde fôr necessario. O carro é de ferro e transporta 8 macas articuladas, 6 grandes cestos para pensos, medicamentos e instrumentos de cirurgia, além das bolsas dos maqueiros, 1 mesa para operações, com suportes Beaumets-Strauss e lanternas a acetilene para, de noite, pesquizar os feridos no campo de batalha.

As viaturas para transporte de feridos oferecem a maior comodidade aos doentes. Servem para 4 macas e o leito assenta sobre mollas por um sistema de equilibrio tal que permitte o transporte dos doentes sem sofrerem o menor solavanco. Os *furgons* de farmacia e de cirurgia conduzem todo o material necessario; o carro do hospital de sangue, transporta 4 tendas sistema *Tollet*, etc.

Todo este material se construio em menos de oito mêses com os recursos do Arsenal do Exercito, em numero de 400 viaturas, que ainda não chegam para uma divisão, pois cada divisão deve ter 5 hospitaes de sangue, e só se construiram 2. As columnas de hospitalisação devem ser 3 e ainda não ha; dos outros carros faltam ainda mais de cem.

Entretanto, isto é já um grande passo dado na reconstituição destes serviços do exercito e se não se parar no caminho encetado, não tardará muito que se complete o que falta, ou pelo menos se aumente consideravelmente esta dotação.

Das viaturas construidas se fez exposição no dia 19 do corrente, na parada do quartel de artilharia 1, a Entra-Muros, e S. M. El-Rei D. Carlos e Principe Real ali as foram examinar, estando presentes os srs. ministro da guerra, comandantes dos corpos da guarnição, estado maior e oficialidade, comparecendo a comissão, á qual El Rei fez grande elogio pela maneira como se desempenhara de seus trabalhos.

A rebelião na Guiné Portuguêsa '

No empenho de pôr nossos leitores ao facto das questões que mais os podem interessar, e sendo neste momento a rebelião de alguns povos da Guiné o que está chamando as atenções do governo e do publico, apresentamos neste numero algumas vistas daquelle país, reproduções de fotografias que nos foram obsequiosamente cedidas por um distintissimo capitão do nosso exercito, que por duas vezes tem ali estado em comissões de serviço publico, e ao qual devemos tambem o favor, que solicitamos, de nos dizer o que se lhe oferecesse a proposito da recente rebelião que se atribue aos indigenas de Gêba.

Eis o artigo que segue e que intimamente agradecemos.

Esta nossa Provincia Ultramarina, actualmente tanto na téla da discussão, tem sempre tido máu séstro. Governadores intelligentes e activos, conhecedores da Provincia e animados da melhor vontade de a levantarem, tem visto frustrados os seus esforços. Circumstancias varias tem inutilisado a acção de muitos, que poderia resultar proficua. Acima de tudo a falta de auxilio da metropole. Quer se uma colonia que dê receita ou, pelo menos que não dê deficit. Retrahem-se os dinheiros do Estado, como se a Provincia não compensasse largamente e em curto praso quaesquer sacrificios que com ella se fizessem!, da mesma forma que se retrahem os capitaes particulares, quando se trata de qualquer emprehendimento ou exploração colonial.

O estado de *rebellião* da Guiné, ora tão discutido, vem de muito longe e não é principalmente na região onde se projectam operações militares que elle se tem manifestado.

Bissau, batido em 1904, sendo Governador o actual general sr. Vasconcellos e Sá, depois de alli termos soffrido um grande desastre em 1891, nada se pensou nunca em o occupar; depois de tantos sacrificios e abnegações, ficámos com dominio effectivo *somente na fortaleza.* Esta insubmissão dos *papeis* manifesta-se, porém, sómente na recusa do pagamento do imposto. Elles vão diariamente á praça negociar e trabalhar, e ainda ha pouco podia percorrer-se toda a ilha sem perigo.

O *Oio* foi batido em 1902 pelas forças do commando do Governador Biker, forças organisadas na Provincia, sem elementos para uma occupação, resultando abandonar-se a região depois de batida, e os seus habitantes — *soniquezes* — continuaram negando se a pagar imposto. Estes, porém, ha algum tempo a esta parte, vão a Farim negociar os seus productos e, desdo 1905, vão algumas vezes a Geba.

Em *Cacheu* não se fez cobrança. E' certo que no corrente anno se receberam uns 12 contos *de imposto de palhota,* se assim se póde chamar á contribuição cobrada coerciva, violenta, e arbitrariamente, aos que, confiantes, procuravam a praça para negociar ou trabalhar. Fóra esses, ninguem pagou; estão mais insubmissos que em Bissau, pois é mesmo perigoso arriscar nas suas povoações. Nem *Manjacos,* nem *Papeis,* nem *Felupes* (comprehendendo sob esta designação geral todos os que habitam a margem direita do Rio Cacheu), nem os *Balantas* pagam imposto. Ha mesmo a região conhecida pela dos *Balantas bravos* onde nunca ninguem ousou arriscar-se. Pois em 1901 foram os Felupes castigados pelo Governador Biker, em 1904 o Governador Soveral Martins bateu os *papeis* e ultimamente ainda as forças reunidas portugueza e franceza, da commissão internacional de delimitação, castigou tambem os Felupes que os queriam impedir de concluir os trabalhos, de delimitação da Provincia.

Os indigenas da região de Gêba foram sempre considerados os mais submissos e nossos amigos; foram nossos auxiliares na campanha contra o Oio. Foi a região escolhida pelo Governador Biker para implantar o imposto, cobrado, pela primeira vez em 1902, sob a designação de *imposto de capitação,* e no anno seguinte transformado no *imposto de palhota* actual.

Alli, ha muitos annos, negociantes portuguezes e estrangeiros, estabelecidos com casas commerciaes muito importantes, negoceiam sem risco. São conhecidas as demonstrações de amisade com que todos os régulos vem a Geba saudar o Governador, quando este visita a região e com que sempre tem recebido o chefe da circumscripção, quando percorre a região em serviço de cobrança do imposto sem necessidade de precauções ou quaesquer medidas de segurança.

E' n'esta região que vão effectuar-se operações militares para castigar o régulo Infaly Sancó, Biafáda, que desrespeitou o commandante Fortes. Mas merece nos reparo o facto de este mesmo commandante, dois mezes antes, ter estado no territorio d'aquelle régulo, procedendo á cobrança do imposto, missão sempre odiosa, comtudo sempre respeitado e obedecido. Diz se que o régulo estava descontente por lhe terem sido tiradas umas armas pertencentes ao Estado, e que aproveitou o pretexto de umas bofetadas applicadas a um seu subdito. Cremos que elle não sentiria menos as bofetadas do que o desgosto de lhe tirarem as armas, porquanto o esbofeteado não foi um subdito qualquer, foi um dos seus *judeus,* tocador de marimbas, cantador, individuos inoffensivos que passam a vida cantando louvores e lisonjas aos régulos de quem vivem, e em geral, a todos de quem podem esperar uma gratificação mais ou menos avultada.

As armas que lhe foram agora tiradas, tinham sido emprestadas por um Governador, para elle se defender contra as incursões e roubos dos *balantas* de Enchalé, que confina com o seu territorio, visto o Governo não dispôr de meios para manter em respeito estes povos. Elle, auctorisado pelo Governador, fazia guerra a seu modo, de represalias, queimava povoações, aprehendia mulheres, gados, etc., áquelles povos, que não queriam saber do nosso dominio, nem nos pagam imposto, que vivem do roubo e da pilhagem e entre os quaes o *homem mais importante é o que fôr mais ladrão.*

A má vontade da maior parte dos régulos fúlas a Abdulay do Chime, é já antiga, e agora aproveitaram um pretexto para mais uma vez o desfeitearem. Desde que o Abdulay é régulo do Chime nunca os fúlas quizeram reconhecer a sua auctoridade e abondonaram o territorio, tendo pedido desde então um régulo da sua raça. O Chime está despovoado. Tem sido uma teimosia querer impôr pela força, aos fúlas, um régulo *toranca,* raça originaria do territorio francez. E' certo que o Abdulay tem sido sempre nosso amigo, mas ninguem impede que elle continue a sel-o n'outra parte; e nós criariamos um outro amigo no régulo Fúla que fosse posto no Chime. Como auxiliar, o Abdulay pouco valor tem para nós, porque dispõe de uma força muito diminuta, embora de gente aguerrida. Com esta nova guerra vamos levantar inimisades com chefes que sempre teem sido nossos amigos, porque se muitos hão de ser por nós alguns serão contra nós...

Estamos certos, que, com um pouco de boa vontade, o Governador Muzanty, intelligente e que conhece bem o meio, poderá encontrar uma fórma de obter a satisfação devida pelo régulo Infaly, sem ir empenhar-se n'uma guerra de tão mediocres resultados.

P. S. — Depois de escriptos estes apontamentos chegou ao nosso conhecimento, por uma noticia d'*O Seculo,* a resolução tomada de bater varias regiões da Guiné que se teem manifestado em estado de revolta, o que nos suggere algumas considerações que opportunamente publicaremos n'esta mesma Revista.

D.

O POEMA

Apotheose Humana

Carta a Henrique das Neves

.. Sr.

Em Portugal, aonde nem sequer chegou o idealismo germanico como reacção á escola positiva de Comte, depois dos *Sonetos* de Anthero e dos velhos themas cantados por Junqueiro, o livro do meu camarada Joaquim Dias é a primeira obra, em verso, com um fim directamente social, e que, por isso mesmo, me surprehendeu e encantou pelo imprevisto plano que a ella presidiu.

Como o Marquez dos *Maias,* de Eça de Queiroz, eu sempre odiei, quasi que por instincto, quadrinhas meudinhas a olhinhos galantes. A minha geração, no entanto, ainda as faz, mas a Arte, agora deve ser differente, e pouco parecida com aquella outra que os romanticos crearam para desgrenhar donzellas histhericas, doentia e vaga como um poente d'outomno,

Ora, o auctor da *Apotheose,* que fez um livro revolucionario na acepção positiva do termo, libertou se de todos os vicios e de todos os preconceitos da velha escóla, aproveitando porém, o que ella teve de bom: o rythmo espaçado do verso e o classicismo da sua factura. Assim, o Poeta, appareceu me, como um *avançado* na Ideia e como um *parnasiano* na Fórma.

E mal imagina V... quanto isto me consolou e me commoveu. Os seus versos teem, além da côr, luz, vivêsa, modelação e technica, uma outra coisa hoje tão rara, infelizmente: — um fim erguido, um objectivo, um plano, a systhematisação d'uma theoria e de um estudo longo.

Mas encontro um extraordinario defeito na obra do seu amigo: está *déplacée.* Em Portugal, hoje, só meia duzia de creaturas poderá entendêl-a.

Ainda atravessamos o periodo theologico. Veja V.. o que será preciso para chegarmos áquelle outro que repassou as paginas da *Apotheose Humana!*

Agradecendo a V... a inolvidavel gentilesa com que me honrou, peço que transmitta ao Poeta a minha homenagem e a minha admiração.

De V...

HENRIQUE TRINDADE COELHO.

A GARRAFA DE AGUA

(Leão Hanrap)

E' para notar que se attinge muitas vêzes na vida um fim muito differente d'aquelle a que nos levava o caminho seguido primeiramente; — não fallo das pessôas que depois de terem estudado para tabellião, acabam nas galés.

Assim, Taitatuile, no seu primeiro anno de direito — como rapaz consciencioso que era, levava seis annos a fazel-o — adquirira uma reputação de bom bebedôr, de que elle se orgulhava, e que lhe parecia abrir um brilhante futuro em materia de bebidas — e que o não impedira de seguir uma outra carreira e de entrar para a policia, onde o antigo discipulo de Baccho, levantava autos de delicto por desordens nocturnas.

Devo, comtudo, reconhecer que conservára pelos bebados uma profunda sympathia e era sempre com um doloroso aperto de coração que applicava a lei sobre a embriaguez.

Quando tomei conhecimento com elle, acabava elle de ser nomeado secretario de um dos commissariados de Paris, e justamente tinha entre os seus administrados um honrado Auvergnez, que, regularmente, todos os domingos lh'o levavam bebado a cahir.

Era, todavia, um excellente homem, meigo e alegre, infelizmente muito ruidoso quando tinha um copo — ou um litro — de vinho a mais.

A' primeira vez, Taitatuile mandou o embora, depois de o ter admoéstado, e de ter recebido d'elle a promessa de nunca mais se embebedar — ou, pelo menos, de se não embebedar tanto que fizesse com que o prendessem.

Charfauillat — era o nome do Auvergnez — jurou o que quizeram e votou um eterno reconhecimento a Taitatuile pela sua generosidade.

Somente, no domingo seguinte, o trouxeram bebado como uma cabra; a unica differença era que tinha bebido tudo á saude do *xenhôr xecretario.*

Taitatuile, depois de o ter interrogado, ficou perplexo; é duro mandar para o calabouço — um maldito logar onde só ha agua para bebêr — um homem que se houvera embebedado em nossa honra!... e comtudo a reincidencia merecia um castigo.

De repente, Taitatuile teve uma inspiração genial.

— Meu bom amigo, disse elle a Charfauillat, sympathiso muito comsigo, e desejo por isso fazer uma segunda excepção á lei: vou pôl-o em liberdade.

— Ah! xe... xe atrevexe.. abraxava-o!

— Com uma condição.

— Tudo o que... quixer .. xenhôr xecretario!

— Guarda, traga uma garrafa com agua e um copo.

O policia, embasbacado, foi buscar os objectos pedidos e pôl-os em cida da secretária, defronte de Charfauillat vagamente inquieto.

— Ora, disse Taitatuile, se quando você bebeu á minha saude, tivesse deitado agua no vinho, não estava agora aqui.

— Oh! xenhor! deitar agua no vinho! .. não é poxivel!

— Pois bem, se quizer ir-se embora, ha-de beber á minha saude.

— Oh! xenhôr! com praxêr!

— Espere!... E' preciso que bêba o conteúdo d'esta garrafa!

Charfauillat olhou para Tartatuile com um espanto indiscriptivel.

— O que diz, xenhor?!

— Tem que beber esta garrafa.

— Oh! xenhôr xecretario! o xenhôr não bê que ixo é agua!

— Bem sei!

— Pois o xenhôr quer-me faxêr bebêr agua?... Oh! xenhôr xecretario!

E o bebado, melindrado, indignado, deitou a Taitatuile um olhar cheio de censura; depois disse bruscamente:

— Prefiro dormir no calabouxo!

Taitatuile, muito pungido, fez signal ao policia, que levou a sua victima.

*

No dia seguinte, quando Charfauillat saiu da esquadra, Taitatuile, que durante toda a noite tivéra remorsos da sua severidade, disse-lhe:

— Então, meu pobre amigo, passou uma noite má?

— Obrigado, xenhór, respondeu o Anvergnez com um pouco de friêza, nem por ixo, só tenho as pernas que as não xinto e não poude dormir a noite toda. E' dura a tarimba! E além de ixo vêr-me entre ladrões, eu, um homem honrado, fez-me doente.

— Era necessario beber a garrafa, meu amigo, disse Taitatuile brandamente.

Charfauillat partiu, sem responder.

*

E, no domingo seguinte, Taitatuile viu-o de novo entrar no commissariado.

— Vejamos, Charfauillat, disse-lhe elle, a lição não te aproveita?... E' outra vez a intemperança que aqui te traz.

— Não é a intemperança, xenhôr xecretario, xão os polixias.

— Vou ser obrigado a mandar-te outra vez para o chelindró.

Charfauillat fez beicinho.

— A não sêr que bebas a garrafa de agua.

Charfauillat coçou a orêlha.

— Vamos lá, experimenta!

— E... xe eu adoexo?

— Não adoeces! ..

E Taitatuile encheu um grande copo de agua ao bebado, que lhe pegou sem enthusiasmo, olhou para elle, cheirou-o, e, finalmente, bebeu o liquido de um trago, como um remedio, fechando os olhos.

— Oh! xenhôr Deus! como isto é mau! exclamou elle fazendo uma careta e pondo o copo em cima da mêza.

— Você se habituará, disse o bom Taitatuile, dando-lhe a liberdade.

*

Oito dias depois, Charfauillat apresentou-se novamente a cair de bebado.

— Como! exclamou Taitatuile, ainda você?!

— Oh! xenhôr xecretario! isto não me torna a acontexer!... Onde está a garrafa?

E tendo bebido o seu copo de agua, com o aspecto contricto de uma creança que recita uma réza para expiar um peccado, Charfauillat foi-se embora muito alegre.

Então as suas visitas espaçaram-se mais e acabou por não voltar.

Este excellente Taitatuile esfregava as mãos por ter corrigido o estouvado bebado, soberbo pela sua bôa acção e pela sua feliz ideia.

Mas, ao fim de alguns mezes, avistou na rua o seu bebado, com o nariz vermelho, capaz de fazer inveja ao chapeu de um cardeal, e andando n'um passo vagamente incerto. Chamou-o.

— Então! Charfauillat! isso vae bem?... Você já não se embebeda, hein?...

— Embebedo-me, xim, xenhôr, respondeu placidamente o Auvergnez, mas paxei para outro bairro!

Mario de Santa Rita.

10 — 10 — 907.

Factos e homens do meu tempo

Memorias d'um jornalista

por

BRITO ARANHA

Trabalhador incansavel da imprensa, não lhe quebrando nem diminuindo os annos a virtualidade com que se entrega ao trabalho e n'elle lida incessante e proficuamente, o sr. Brito Aranha, como que feriando a labutação ingrata e fadigosa quão proveitosa e applaudivel, da continuação e conclusão do valioso e utilissimo *Diccionario Bibliographico*, para que, á sua parte, já leva terminados 10 tomos, com obras de mais grata e suggestiva elaboração, acaba de trazer a lume, editado pela emprehendedora e acreditada Parceria Antonio Maria Pereira, o 1.º tomo dos *Factos e homens do meu tempo*, ornado com retratos e fac-similes das pessoas a elles evocadas.

Entram á galeria de figuras encetada com este volume, todas ellas mais ou menos conhecidas e apregoadas e algumas laureadas, no meio e época em que viveram, fazendo uma resenha n'ellas pela ordem e titulos dos respectivos capitulos, o Silva das barbas brancas, o visconde de Jeromenha, o Sampaio jornalista, o barão de Marajó, o Teixeira de Vasconcellos com a sua *Gazeta de Portugal*, o dr. José Carlos Rodrigues com o seu *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, o Moraes Mantas e Manuel de Jesus Coelho, mas nem só estas as personalidades ahi trazidas á tela, que muitas outras em avultadissimo numero a ella vindas mais ou menos detidamente e em especial, Eduardo Coelho, José Estevam, Silva Tullio, Emygdio Navarro, Pereira Carrilho, dos quaes todos tambem estampados os retratos.

Termina o tomo com a narrativa *Quatro dias em Madrid*, impressões colhidas e archivadas pelo auctor já vindas á luz no *Diario de Noticias*, mas agora retocadas e ampliadas, por occasião da sua ida á capital da Espanha como representante d'esse jornal, ao tempo do casamento em 1879 de Affonso XII.

BRITO ARANHA

Encetei a leitura dos *Factos e homens do meu tempo*, não só com a natural curiosidade que sempre me provoca livro novo para mim, e sobretudo sahido ha pouco a publico, mas ainda com a attenção que me despertam os escriptos do sr. Brito Aranha, que desde distanciada data agradavelmente me acostumei a apreciar no muito que valem; se, assim, porém, comecei de volver as paginas ao volume certo é que, confesso, n'elle não contava encontrar, pela indole que accusava, enleio que me prendesse.

Ainda bem que me enganei pois ao passo que fui proseguindo em sua leitura, se me foi avivando e accentuando o interesse por esta, prendendo-me os quadros e narrativas que n'ella ante os olhos se me iam desenrolando, bem caracteristicos e suggestivos dos homens e dos factos a que referentes, não sendo dos somenos encantos colhidos o despretencioso e singello da linguagem, sempre acurada mas sempre facil e como que familiar, condição e predicado que devem revestir e natural é que revistam, as «memorias» que em tal modo, como bem o tem accentuado a critica moderna, se tornam mais instructivos e acreditaveis as relações que encerram do passado, do que as que fornece a historia propriamente dita, calçada e levantada sobre alto cothurno, e não descendo assim a tratar, quasi sempre senão dos factos e das personagens mais salientes de uma época, os quaes muitas e a maior parte das vezes a não definem e caracterisam.

Mais, como bem se deprehende do que deixo escripto, se occupa o sr. Brito Aranha em seu apreciavel livro, do que se passava nos bastidores do theatro do mundo do que propriamente no palco, e isto é o que dá um valor mais apreciavel a seu trabalho, patenteando muitos factos ou inteiramente desconhecidos ou mal sabidos, e apresentando-nos os homens que n'elles intervieram como realmente eram.

Muito mais, e mais de perto e intimamente, qui zera eu escrever dos *Factos e homens do meu tempo*, mas para isso escasseia-me agora o espaço por limitado o que me é concedido, e fecho, pois, esta breve e singela noticia com sentido e merecido applauso á obra.

Rodrigo Velloso.

THEATRO DO GYMNASIO

O Filho Milagroso

O velho templo d'arte da travessa do Secretario da Guerra, hoje rua Nova da Trindade, continua cumprindo galhardamente a sua missão de desannuviar os espiritos das tristezas mundanaes. E, esta epoca, promette ser das melhores de que os seus annaes fazem menção, a calcular pela pri-

Teatro do Gimnasio

«O FILHO MILAGROSO» — UMA CENA DO 2.º ACTO
(Fotografia do sr. Alberto Lima)

meira peça nova que ali subiu á scena e cuja primeira representação occorreu em 9 do corrente.

Referimo-nos á comedia em 3 actos dos francezes Paulo Gavoult e Roberto Charvay *l'Enfant du Miracle*, traduzida pelo nosso distincto collega do *Diario Illustrado*, sr. Portugal da Silva, com o titulo *O Filho Milagroso*, que está causando um authentico successo de ruidosas gargalhadas e que é digna de enfileirar ao lado das mais festejadas que o Gymnasio nos tem apresentado.

A denominação da nova peça é bem suggestiva e deixa antever um enredo emmaranhado, cheio de situações comicas e de ditos de espirito, mas a sua confecção excede tudo que se preveja, de tal forma e tão engenhosamente foi manejada.

E' uma verdadeira *pochade*, que não descreveremos porque somos dos que entendem que se não deve tirar o imprevisto ao espectador, embora elle, ao ler nos, fique prevenido que tem de alargar o cós das calças para que não rebente quando se estorcer em frouxos de riso.

A traducção é muito cuidada e a linguagem ligeira, mas elegante, coaduna se bem com as personagens. A graça esfusiante do original está escrupulosamente conservada e Portugal da Silva foi mesmo, por vezes, felicissimo na escolha dos vocabulos da nossa lingua, que empregou como equivalentes dos gaulezes.

A enscenação faz honra a Leopoldo de Carvalho, o velho mestre que tantas e tamanhas provas tem dado da sua grande competencia; e o desempenho a cargo de Valle, Telmo, Cardoso, Julio Soller, Henrique Albuquerque, Alegrim, Pedro Machado, Vieira Marques, Judith de Mello, Alda Soller, Jesuina Saraiva, Rosa Andrade, Alda Aguiar e Alice Lima foi muito harmonioso. Devemos comtudo especialisar Valle que foi um curador do ventre da viuva á altura da gravidade das circumstancias, mesmo quando se embriaga... Telmo irreprehensivel no galan; Cardoso o architecto que architecta toda aquella embrulhada; Julio Soller, um dos artistas mais correctos que possuimos, soberbo no doutor que, ao ser pronunciado um termo de medicina, se alheia completamente d'este mundo; Alegrim, fazendo incontestaveis progressos no alfaiate das senhoras; e finalmente Judith de Mello e Rosa Andrade, duas apreciaveis e intelligentes raparigas que exteriorisaram com verdade, aquella a viuvinha que não deseja deixar escapar os milhões do fallecido esposo, e esta a ladina *soubrette* que armou em *cocotte*.

PEDRO PINTO.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Uma Dona Portugueza na Côrte do Grão-Mogol — Nova Goa — *Imprensa Nacional* — 1907.

O autôr desta obra, o sr. J. A. Ismael Gracias, já é conhecido dos leitores da nossa revista que, por mais d'uma vez, tem sido honrada com produções suas.

A presente, que mostra a influencia exercida pela portuguêsa D. Juliana Dias da Costa na côrte dos soberanos mogoes, onde se encontrou por acompanhar seu marido, clinico enviado a pedido do imperador Aurengzeb pelo vice-rei da India, Conde de Alvôr, a presente, repito, obdece a este subtitulo: «Documentos de 1710 a 1719, precedidos d'um Esboço Historico das relações politicas e diplomaticas entre o Estado da India e o Grão-Mogol nos seculos XVI e XVII.»

Na investigação de erudito do autôr, no plano do texto, que abranje 214 pajinas, acha-se tudo o que está indicado no titulo e sub-titulo da obra.